

VARIAÇÕES EM TORNO DE EFEMÉRIDES CEARENSES

GASTÃO JUSTA

Designado pelo Sr. Presidente desta conspícua Associação de Letras, aqui estou para discorrer sobre as efemérides mais importantes, ou por outra, mais interessantes, dêsse tão malsinado mês de Agosto — Agosto, mês de desgosto — mês das segundas-feiras aziagas; mas para mim um adorável mês. Mês das ventanias fortes, mês das arraias ou, como dizem outros, dos “papagaios”. Ah! quantas recordações dos meus tempos de menino, empinando arraias, “jogando o ponto”, nos areiais do bairro de Outeiro, ao lado de outros meninos, descuidado e feliz, sem o atropêlo dos automóveis sem o estrépido ensurdecedor dos alto-falantes, sem o ronco dos aviões, sem o rádio, anunciando notícias fatídicas e cruéis, no entono estudado, para causar maior efeito, dos locutores excitados pela volúpia de informar, aos ouvintes, em primeira mão ou, melhor dito, em primeira onda, as notas da última hora...

O progresso traz-nos o conforto, o bem-estar material, não há dúvida. E' o lado admirável do desenvolvimento da inteligência humana. Por outro lado, aniquila a tradição. E a tradição é o que ficou para trás. E' a noite da nossa história e da nossa vida. Cada alvorada que surge é um novo dia em nossa história e em nossa vida. E assim, há milênios, vem a humanidade, através do tempo e do espaço, desaparecendo e ressurgindo. Porque a vida é continuidade intangível: um imperativo das leis eternas. Somos hoje o que fomos ontem. Melhorando? em certos pontos, talvez. Em outros, chorando. A arte de matar, por exemplo, com os seus inventos infernais de destruição e de morte, superou, de muito, os bárbaros de Átila e as hordas ferozes de Tamerlão. Em compensação, a ciência de curar, com a descoberta dos anti-bióticos e com a análise patológica, orientando, nos laboratórios, a mão do operador, assombra pela sua precisão quase miraculosa.

Deste confronto do passado com o progresso material do presente é que surge fenômeno do “saudosismo”. Porque, a rigor, o conforto que a civilização moderna nos proporciona não vale, em certos casos, pelo desconforto de muitas

cousas do passado. Daí, quem sabe, o sentido filosófico de um velho sertanejo de que "muito conforto é desconforto".

Mas deixemos as divagações e voltemos ao passado, ás efemérides cearenses, ocorridas, em várias datas, dentro dêsse Agôsto de ventos fortes e agradáveis, Comparemos, por exemplo, o padrão de vida do passado com o de hoje.

A 14 de Agôsto de 1786, a Câmara de Viçosa, reunida sob a presidência do Sargento-mor Luiz d'Amorim Barros, estabelece posturas, regulando a venda de gêneros. Ficou assentado então que o sabão fôsse vendido a 3 vinténs a libra; 12 bananas grandes e compridas ou 15 das pequenas, a vintém; 20 laranjas da china ou limas, a vintém; uma vela de sebo com 2 palmos craveiros e grossa ou uma vela de cêra da terra com vara e meia de comprimento, 1 vintém; cada frasco de azeite de côco ou carrapato (o frasco equivale a 2 1/2 garrafas) uma pataca, isto é, 320 réis. Há quase dois séculos, como se vê, a vida era melhor e mais barata, neste Ceará Grande.

E a feira em Fortaleza, de quando data? Informa o historiador que a 15 de Agôsto de 1809, realiza-se nesta Capital a primeira feira franca que se prolongou pelos dias 16 a 17.

Assunto de magna importância era o que informava João do Rego Barros a El-Rei, em 16 de Agôsto de 1685, sôbre o procedimento, que teve o capitão-mor do Ceará, Bento de Macedo Faria, com 3 navios holandeses ali aportados, comerciando e trocando gêneros do país com os que êles traziam.

E' de 30 de Agôsto de 1725, por conseguinte, 229 anos passados, uma carta de Antônio Rodrigues da Costa à Câmara de Aquiraz recomendando vários assuntos da Companhia que S. Majestade, que Deus guarde, manda aí fundar, porque o digno Senhor tem muito os olhos nessa sua fundação.

A sabedoria no trato das cousas públicas, naquele recuado tempo da nossa história, já se fazia sentir, de maneira digna de registro, pois nem sempre faltavam a prudência e o acerto para dirimir questões de fundamental importância para os interesses gerais da terra, quer se tratasse de guerra entre gentios, quer se tratasse de apaziguamentos dos levantes, que ocorriam, a miude, oriundos das próprias condições do meio.

E é assim que, a 13 de Agôsto de 1671, Jorge Correia da Silva convoca o Padre Francisco Ferreira de Lemos, João Tavares de Almeida e mais pessoas importantes da Capitania para uma reunião em que se decida da justiça ou injustiça de uma guerra pedida pelos Jaguaribaras e outras tribos contra os Palacús. Essa reunião teve lugar a 19 e decidiram-se os juizes pela legitimidade da guerra.

E a 21 do mesmo mês, do ano de 1724, uma carta da Câmara de Aquiraz ao Ouvidor Mendes Machado, sôbre o levante das Ribeiras do Icó e de Jaguaribe, aconselha-o a que se retire e ponha a sua vida a salvo, porque em tumulto do povo nas larguras desses sertões se deve usar de prudência. e dar tempo para que se possam fazer as diligências do serviço de Sua Majestade.

João Brígido, em seu notável trabalho — CEARÁ-HOMENS E FATOS, pa-

gina 200, menciona o seguinte: "Luiz Barba Alardo de Menezes, que governou o Ceará, de 21 de Janeiro de 1803 a 19 de Março de 1812, fundou em Fortaleza, no bairro do Outeiro uma fábrica de louça vidrada e conseguiu produtos tão bons como os da Bahia, segundo dizia êle ao Conde de Linhares, em officio de 31 de Agôsto de 1809.

Nos primeiros anos dêste século ainda restavam os destroços dessa famosa fábrica, instalada à Rua da Conceição, no local onde reside a família do saudoso Professor Joaquim Alves.

Mais de um século decorrido. E Fortaleza, não obstante os seus arranha-céus erguidos para o ar, suas Emissoras, falando para o Brasil e para o Mundo, seus Clubes elegantes, despertando a atenção dos turistas, não possui uma fábrica de louça do porte da que fundou o govêrno de Barba Alardo.

E o tempo corre, desafiando a capacidade e o espirito público dos estadistas e dos homens de negócios de nossa época.

Jamos encerrar êstes singelos comentários, exalçando a nossa magna efemêrde, no setor intelectual — O 15 DE AGOSTO — data da fundação da ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, no ano de 1894, — "a mais antiga, portanto, das instituições congêneres existentes no Brasil e a mais alta entidade literária do Ceará".

Vários grêmios de letras aqui surgiram e aqui feneceram. Vários grupos literários aqui se agigantaram nas lides da imprensa e nos torneios oratórios. Várias associações cívicas aqui terçaram armas, em prol da abolição da escravatura e das reformas políticas e sociais. Vários cultores de ciência, das artes e das letras elevaram bem alto o nome do Ceará na esfera nacional.

Tudo passou, porém. A instabilidade climática dêste torrão como que prefigura um estado de nomadismo no destino do homem. Ave de arribação, aqui se empluma apenas. O conceito sociológico de se adaptar ou morrer é o imperativo cruel. Os que não podem se adaptar, nem desejam morrer, fogem à estagnação e à morte. Mas os pertinazes, os idealistas, os teimosos não desertam. Insistem e ficam. Dizem os inglêses que as dificuldades existem para serem contornadas.

A glória da pertinácia e do idealismo cabe aos pioneiros da ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, que não obstante as mutações do tempo e do meio, fincaram, nesta terra, há sessenta anos, um marco luminoso do saber, atestando, aos que partem e aos que ficam, que o trabalho perseverante da inteligência e da fé pode superar todos os obstáculos, e criar ainda um ambiente saudável para a renovação constante da graça e da beleza.

(Palavras proferidas pelo Acadêmico GASTÃO JUSTA, no dia 15 de Agôsto de 1954, na Sessão Solene da ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, comemorativa da passagem do sexagésimo aniversário de fundação dêsse sodalício).